

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 • AVENÇA  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

## BEM VINDA, PRINCESA MARGARIDA!

Chega esta tarde a Portugal Sua Alteza a Princesa Margarida, da Grã-Bretanha, que se demorará alguns dias no nosso País em visita graciosa à capital do mais velho aliado da Inglaterra. Não podemos deixar de assinalar o facto — e fazemo-lo com grande satisfação — pelo que esta visita representa de honroso e de agradável para Portugal onde, como em toda a parte, a ilustre Senhora goza da maior simpatia e respeito pela sua alta linhagem, pelos seus dotes pessoais e pelo encanto que irradia e que a todos cativa.

Saudando Sua Alteza na pessoa do representante consular da Inglaterra no Algarve — o cônsul em Vila Real de Santo António — fazemos votos por que lhe seja muito agradável a sua estadia em Portugal e por que leve da nossa terra e da nossa gente as saudades que acompanham quem convive durante algum tempo com um povo que costuma dispensar a quem o visita, por bem, todo o calor do seu entusiasmo e toda a ternura do seu coração.

Bem vinda, Princesa Margarida, em nome do Algarve!



## OLHÃO e as festas dos Santos Populares

por ARNALDO MARTINS DE BRITO



QUANTO a nossa Província lucraria se fosse bem aproveitada a sua utilidade turística, sobretudo no referente às condições de vida, características naturais e tradicionalismo popular! Sim, prezados comprovincianos, são as tradições populares que mais contribuem para o chamamento do forasteiro que procura no sentimento do povo a verdadeira expressão do folclore. Num artigo que escrevi no Jornal do Algarve já vos disse alguma coisa sobre «folclore e turismo»; hoje, venho desenvolver um pouco mais o tema, continuando a fundamentar-me nos bens grangeados dos nossos antepassados, entre os quais se contam: as memoráveis

Continua na 6.ª página

## LAGOS e a indústria de conservas de peixe

A INDÚSTRIA de conservas de peixe é, presentemente, a que mais operários mantém em Lagos.

Para que o pão não falte aos que a tal indústria se têm dedicado desde a infância, torna-se absolutamente necessário que os industriais façam por vencer dificuldades, mas, longe vá o agoiro, estes, segundo consta, procuram, em número apreciável, afastar-se sem medirem os prejuízos que podem causar àqueles que com a labuta do dia a dia contribuíram para que os que começaram em pouco mais do zero, conseguissem fortunas de montante apreciável.

Preto neste caso lembrar Paolito Cocco, de naturalidade grega, homem de acção e que pelas suas qualidades de trabalho pouco vulgares e popularidade, bem mar-

Conclui na 6.ª página

## O INQUÉRITO INDUSTRIAL REVELA QUE O VALOR BRUTO da produção industrial do Algarve ascendeu em 1957 a 1.005.625 contos figurando em primeiro lugar Olhão, Faro, Vila Real de Santo António e Portimão

### Foi empossada a comissão distrital da U. N.

NO salão nobre do Governo Civil, com a presença dos representantes dos Municípios e das comissões concelhias da U. N. de toda a Província e de muitas outras individualidades, realizou-se, sob a presidência do sr. comandante Henrique Tenreiro, o acto da posse da nova comissão distrital da U. N. que é composta pelos srs. drs. José As-

Conclui na 6.ª página

TERMINADO o inquérito industrial ao Algarve realizado em 1957 pelo Instituto Nacional de Estatística, foram agora tornados públicos os números apurados e que revelam o que os nossos leitores vão apreciar.

Número de estabelecimentos industriais empregando mais de uma pessoa, 1.801, com 22.684 dirigentes, empregados e operários, os quais trabalharam 4.885.563 dias, recebendo 107.137 contos. O valor bruto da produção foi de 1.005.625 contos, implicando na despesa de 760.149 contos. A indústria alimentar contribuiu para aquele total

Conclui na 4.ª página

## INICIATIVA LOUVÁVEL (2)

### A comemoração do centenário DA COLONIZAÇÃO DO SUL DE ANGOLA PELOS PESCADORES OLHANENSES

por ANTERO NOBRE

A REVOLTA contra os franceses invasores do País, em 1808, a heróica aventura do caíque Bom Sucesso através do Atlântico, no mesmo ano, a intervenção de certo modo notável nas lutas fratricidas de 1833-34 e a acção exercida, a partir de 1860, na colonização de Angola constituem os factos mais importantes de toda a história do povo de Olhão; pelo menos, e quanto a nós, são eles os únicos pelos quais a grei olhanense interveio notória e de alguma forma decisivamente na História de Portugal, e nesta conquistou um lugar de merecido e parece-nos que incontestável relevo. Todavia, só os primeiros, os relacionados com a expulsão das tropas napoleónicas, têm merecido especial atenção da maioria dos estudiosos e da quase

### A organização dos produtores de alfarroba

A COMISSÃO de Coordenação Económica do Ministério da Economia transmitiu à direcção da Casa do Algarve, para conhecimento dos interessados, a cópia da resposta dirigida à Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve acerca do problema da alfarroba, assunto que tem sido largamente debatido no Jornal do Algarve. Salientando-se, nessa resposta, o «aspecto sereno e construtivo da exportação» que «merece efectivamente cuidada reflexão», acrescenta-se:

«Nela, a produção reconhece como a indústria valorizou a grã-nha, como a pode valorizar mais ainda, e como a partir de certa altura — que se não indica mas parece coincidir com a instalação da indústria —, as relações entre a produção e o comércio se agravaram no sentido de desfavorecer

Conclui na 6.ª página

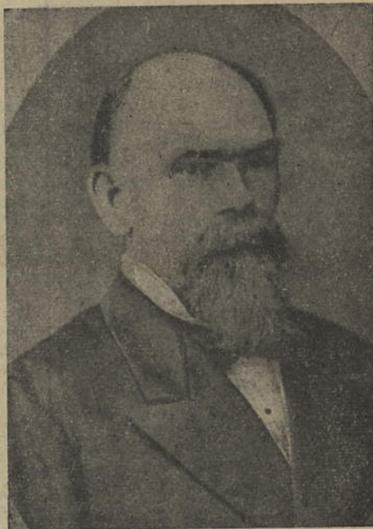
totalidade dos simples curiosos e divulgadores do passado de Olhão, e só eles têm sido igualmente objecto de quantos actos consagratórios dos seus Maiores o povo daquela Vila praticou até hoje, quer se trate da erecção de memórias, quer da realização de sessões comemorativas, cortejos cívicos, cerimónias religiosas ou descerramento de nomes nas esquinas das ruas; e esta circunstância, só por si e mesmo que se lhe não juntassem outras, talvez bem mais decisivas, mas que não mencionaremos agora, para

Conclui na 4.ª página

### As classes de ginástica do Clube Náutico de Vila Real de Santo António exibem-se na terça-feira EM OLHÃO

PARA tomarem parte na inauguração da moderna esplanada do Grupo Desportivo «Os Olhanenses», deslocam-se a Olhão na terça-feira as diversas classes de ginástica do Clube Náutico de Vila Real de Santo António, que decerto proporcionarão magnífico espectáculo de exaltação à cultura física.

Conclui na 3.ª página



Manuel Gomes dos Santos, veterano dos colonos algarvios de Angola no ano de 1874

## JANELA DO MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

### O camaleão

ESTE bicho estranho e nojento, tão vulgar nos arredores de Vila Real de Santo António, parece estar a alastrar por todo o País e a originar colónias mais ou menos densas em determinadas regiões.

É um animal feio e repugnante, corcunda e deselegante, com pruridos de bicho pré-histórico mas não ultrapassando aqueles poucos centímetros de comprimento que o tornam quase despercebido. De fraca aparência, exhibe, no entanto, duas particularidades interessantes que o tornam digno de atenção e de certo respeito: a língua de palmo e a facilidade de mudar de cor, para melhor surpreender a presa. Notáveis propriedades, se elas pudessem contribuir de algum modo para a felicidade do género animal ou da sociedade em que o camaleão vegeta. Mas julgo que elas não

Conclui na 3.ª página

## VI) SOLDADOS DA PAZ



Herculano de Silveira Herdade

### O comandante dos Voluntários de Faro fala-nos sobre Congressos de Bombeiros

— Sem dúvida, meu amigo. Concedo, com o maior prazer, a entrevista que solicita, para o Jornal do Algarve, periódico marcante na imprensa algarvia, mas, imponho uma condição...

— ?

— O amigo, começará por registar a minha gratidão ao jornalista que, desinteressadamente, se lançou na extensa e afadigante tarefa de despertar, no povo do Algarve, a devida atenção para a Obra dos Soldados da Paz, quase sempre injustamente apreciada e, quantas vezes, esquecida nas longas fases de acalmia, quanto a incêndios e outros sinistros. Não acha que este meu desejo é, perfeitamente, natural?

— Mas, comandante. Repare que não sou eu o entrevistado! Vim, para perguntar, e não para responder...

— No entanto, promete que reproduzirá as minhas palavras...

— Textualmente?

— Claro!

Conclui na 3.ª página

### Dr. Luís Gordinho Moreira

POR motivo da passagem do seu 4.º aniversário como presidente da Câmara Municipal de Faro, foi alvo de uma homenagem o sr. dr. Luís Gordinho Moreira, que à frente do Município farense tem realizado uma obra de valorização concelhia digna do maior louvor.

## A saúde é a maior riqueza

### VIGOR FÍSICO E TUBERCULOSE

Tuberculoso que elimina bacilos é fonte abundante de contágio. Um caso de tuberculose provém sempre de outro, e, por isso, faz-se a luta contra o contágio. Mas, como não é possível controlar todas as fontes de contágio, cumpre a todos fortalecer o organismo, tornando-o assim mais resistente à contaminação pela tuberculose.

Procure manter-se vigoroso, para evitar a tuberculose.

A seguradora preferida pelos Lavradores  
**ULTRAMARINA**  
 Larga experiência no Ramo Agrícola  
 Agentes em toda a Província



por CASIMIRO DE BRITO

A RÁDIO NO ALGARVE

Nesta mesma coluna se pediu, conseguindo-se algo, um pouco de atenção para o problema da Rádio no Algarve. O assunto foi exposto sem lugar a confusões, e continua no mesmo pé: os radionovistas algarvios, pagando igual taxa que todos os outros, estão em desvantagem. E por dois lados: 1.º - Porque não têm um programa regional como seria desejável. 2.º - Porque não têm possibilidades de ouvir em boas condições de recepção o Emissor Lisboa-II. É mais que evidente que estes dois problemas têm de ser resolvidos; caso contrário estamos em face de uma injustiça.

Já temos o Noticiário Algarvio, é certo. Toda a Imprensa o agradeceu (inteiramente de acordo) esquecendo-se porém que o Noticiário Algarvio não basta. Não corresponde às aspirações dos algarvios, dos que pensam e dos que ousam desejar, pelo menos. E, como estamos todos de acordo sobre este ponto, eis uma sugestão sobre o que devia ser o nosso Emissor Regional.

Devia ser, essencialmente, uma Emissora regional que interessasse a todos os algarvios, isto é, interessando-se por todos os problemas regionais. Assim, teria:

- a) um Noticiário Regional, diário, precedido por uma Nota do Dia;
b) uma rubrica (que já existe, abrindo o noticiário) de Trechos sobre o Algarve;
c) um programa musical diário, onde podiam até colaborar alguns amadores de mérito;
d) programas de divulgação (uma ou duas vezes por semana) das várias actividades humanas: a Economia, a Cultura, a Arte, o Desporto, etc.;
e) estes programas deviam ser assinados por especialistas de cada ramo, não se deixando de entrevistar personalidades da Província de reconhecida capacidade construtiva.

Fica esboçado um pequeno quadro que, sendo pequeno, já seria razoável se fosse mais do que uma legítima aspiração. Será difícil consegui-la? Será pedir muito? Creio que não. Creio que, se em lugar de dez minutos concedidos ao Emissor Regional do Sul, fossem concedidos apenas mais vinte... muito se faria, desde que à testa da programação estivessem indivíduos inteligentes e com iniciativa. Será muito difícil encontrar alguém capaz de subscrever um programa sobre problemas económicos? Sobre temas culturais? Sobre motivos desportivos?...

A pergunta fica em suspenso. Aguardemos, entretanto, que surja a possibilidade da meia-hora algarvia... a qual decerto surgirá, já que a boa vontade, geralmente, não deixa de cooperar.

Haverá algum algarvio que não deseje ardentemente um programa só seu? Esta coluna está aberta a todas as sugestões, desde agora, desde sempre, aliás. (E não só sobre o problema da Rádio no Algarve, como sobre todos os problemas que à nossa cidade dizem respeito).

NOTÍCIAS PESSOAIS

Major J. Nascimento Moura e dr. Calazans Duarte

Estiveram de visita ao Algarve os nossos ilustres comprouvianos e prezados amigos srs. major J. Nascimento Moura, distinto publicista e colaborador do Jornal do Algarve e dr. Calazans Duarte, prestigioso director da Fábrica-Escola Irmãos Stephens, da Marinha Grande e professor da Escola Industrial da mesma vila.

O sr. dr. Calazans Duarte que tem realizado uma obra, que sem favor se pode considerar notável, na indústria vidreira do País, devendo-se-lhe a alta categoria artística a que ascendeu essa indústria, de cujos foros tem sido paladino intemerato, há cerca de trinta anos que não visitava o Algarve.

O sr. major J. Nascimento Moura, que vive como algarvio de gema os problemas do nosso Algarve e de quem temos inserido um estudo muito valioso sobre Castro Marim, deu-nos o prazer de visitar a nossa Redacção, com a promessa de que continuará a valorizar o jornal da nossa Província com a sua tão apreciada colaboração.

Partidas e Chegadas

Em goso de férias, encontra-se em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Francisco Camarada Martin, secretário da administração do Banco Português do Atlântico, em Lisboa.

Com sua esposa, esteve em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Lisboa sr. João Baptista Brito.

O sr. Manuel Sebastião Mendes, nosso assinante em Martinlongo, esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos, gentileza que agradecemos.

De visita a sua família, esteve em Vila Real de Santo António a nossa assinante nas Amoreiras, sr.ª D. Iliete Medeiros Salvador.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Vitor da Luz, nosso assinante em Faro.

Foi a Lisboa e Matosinhos, com curta demora, o nosso assinante sr. Rui Martins, empregado superior da Sociedade de Conservas Aliança, Lda.

Fixou residência em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Manuel Martins da Rosa.

Doentes

Encontram-se doentes os nossos assinantes srs. drs. João Domingues Medeiros e José Diogo.

Também está doente, com certa gravidade, a filha do nosso assinante sr. Sérgio Peres.

Encontra-se em convalescença da operação cirúrgica a que foi submetida, a sr.ª D. Gracinda Alfarrá Guerreiro, esposa do sr. Bernardino Guerreiro e mãe do nosso assinante sr. ten. Humberto Alfarrá Guerreiro.

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Companhia Industrial de Cordoarias Têxteis e Metálicas Quintas & Quintas, S. A. R. L.

comunica a todos os seus clientes que retirou à firma José Mendes, Lda. o privilégio de serem seus Agentes Depositários, tendo concedido tal privilégio à firma José de Aragão Barros, Olhão.



de 29 de Maio a 3 de Junho Vila Real de Santo António

Table listing trainees (TRAINEIRAS) for Vila Real de Santo António, including names like Pérola do Guadiana, Leste, Triunfante, Audaz, Tozé, Vulcão, etc., with their respective numbers.

Atum da costa de Marrocos

Table listing tuna catches (Atum da costa de Marrocos) from Cabo Espartel and Ponta Negra, with total weights.

Olhão

Table listing trainees (TRAINEIRAS) for Olhão, including names like Restauração, N.ª Sr.ª da Piedade, Maria Benedito, Nidia, etc., with their respective numbers.

Quarteira

Table listing trainees (TRAINEIRAS) for Quarteira, including names like Nidia, N.ª Sr.ª da Piedade, Clarinha, etc., with their respective numbers.

Armação de Pera

Table listing tuna catches (Armação de Pera) with total weight.

Lagos

Table listing trainees (TRAINEIRAS) for Lagos, including names like Gracinha, N.ª Sr.ª de Pompeia, Marisabel, etc., with their respective numbers.

Conferência sobre Camões

no Clube Recreativo Lusitano DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SR. dr. Elviro Rocha Gomes, professor do Liceu de Faro, realiza na terça-feira no Clube Recreativo Lusitano, de Vila Real de Santo António, uma conferência sobre Luís de Camões. Pelo assunto e pela categoria do conferente, é de esperar que a mesma seja mais uma bela jornada cultural que o referido Clube proporciona a quantos se interessam pelas coisas do espírito.

Portimão

Table listing trainees (TRAINEIRAS) for Portimão, including names like Mirita, Pérola Algarvia, Farihão, etc., with their respective numbers.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

Vila Real de Santo António

de 28 de Maio a 3 de Junho

ENTRADOS: Português «Gorgulho», de 1.196 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Espanhol «Marquez de la Viesca», de 110 ton., de Tanger, com atum fresco; Marroquino «Jolot», de 119 ton., de Larache, com atum fresco; Alemão «Rimberg», de 1.212 ton., de Roterdã, vazio; Português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio; Italiano «Framar», de 500 ton., de Leixões, com carga em trânsito; Marroquino «Jandilla», de 81 ton., de Larache, com atum fresco.

SAÍDOS: «Mira Terra» e «Maria Christina» para Lisboa, com minério; «Marquez de la Viesca», para Tanger, vazio; «Gorgulho», para o Funchal, com sal; «Jolot», para Larache, vazio; «Mira Terra» e «Maria Christina», para Lisboa, com minério; «Framar», para Génova, com conservas; «Jandilla», para Larache, vazio.

VENDE-SE

Casa com 6 divisões, sobrado e quintal, na Rua Dr. Miguel Bombarda n.º 44 em Vila Real de Santo António. Proposta em carta fechada a L. Transmontano de Carvalho, Rua Antero do Quintal, 45 - Faro.

Cine-Foz

Vila Real de Santo António DOMINGO, em Cinemascope e Tecnicolor, Duelo de Gigantes, com James Stewart e Audie Murphy. (Para 12 anos). QUARTA-FEIRA, uma das maiores produções do Cinema Europeu, Maria Antonieta, com Michele Morgan, Richard Todd e Jacques Morel. (Para 17 anos).

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

TIVERAM MUITO BRILHO os Jogos Florais da Primavera

ORGANIZADOS PELO Clube Recreativo Lusitano

de Vila Real de Santo António

COM numerosíssima e interessante assistência, celebraram-se na quarta-feira no Clube Recreativo Lusitano, de Vila Real de Santo António, os Jogos Florais da Primavera, feliz iniciativa do mesmo Clube.

Constituída a mesa de honra da sessão, a que presidiu o sr. dr. Albano Lencastre, ladeado pelos srs. D. Francisco Lopez Tejero, dr. Carlos Santos e Francisco Lopes Madeira, fez este, em nome da direcção, algumas considerações sobre a realização do certame poético. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. tenente Vitor Castella, que formava o júri com os srs. A. Vicente Campinas e José Manuel Pereira, historiando a celebração dos jogos florais desde a sua origem.

Procedeu-se depois à abertura dos sobrescritos que continham os nomes dos autores premiados, e à leitura das produções destes, pelas «mantenedoras», sr.ª D. Maria Leonor Horta e D. Maria Lúcia Horta.

As classificações, nos diversos géneros, foram as seguintes:

Poesia obrigada a mote - 1.º prémio, Sérgio Araújo, Lisboa; 2.ª menção honrosa, Vivaldo Beldade, Faro; 3.ª, D. Lidia Serras Pereira, Alges; 3.ª, José Rodrigues Canedo, Porto.

Quadra popular - 1.º prémio, D. Lidia Serras Pereira; 1.ª menção, Carlos Conde, Lisboa; 2.ª, José Rodrigues Canedo; 3.ª, Alvaro Guerra, Lisboa; 4.ª, dr. Benjamim Neto, Chamusca; 5.ª, Carlos Conde; 6.ª, D. Maria Graciete Santos, Faro.

Poesia alusiva ao Algarve - 1.º prémio, D. Lidia Serras Pereira; 1.ª menção, Moraes Lopes, Portimão; 2.ª, D. Maria da C. Ramires Santos, Olhão; 3.ª, Francisco Cota, Lisboa.

Soneto - 1.º prémio, D. Lidia Serras Pereira; 1.ª menção, José Rodrigues Canedo; 2.ª, D. Maria Emília Peres Maia, Lisboa; 3.ª, Mário Vidal Pólvera, Peniche.

Poesia lírica - 1.º prémio, Eduardo Godinho Monteiro, Peniche; 1.ª e 2.ª menção, Moraes Lopes; 3.ª menção, dr. Camilo Rebelo Gomes, Lisboa.

Publicamos a seguir uma das produções premiadas:

1.º prémio do Soneto

CONFISSÃO

Para que sou, meu Deus, tão afectivo, E vivo assim sem ter o teu carinho? Chama que na lareira, ardente e viva Vai morrer em borralho, de mansinho.

Se em vez de carinhosa fosse esquivada, Se te fesses como duro espinho, Buscando amor em louca tentativa Talvez me atapetasses o caminho!

Quisera ser eterna revoltada, Duma alívios que não perdoas nada, Vingativa, cruel e caprichosa.

Mas afinal... mentiu-me, o coração, E fico sempre, ao dar-te o meu perdão, Cada vez mais mulher, mais carinhosa...

Lidia Correia Serras Pereira (Fêmeina)

TRANSPIRAÇÃO E MAU CHEIRO DOS PÉS

Este problema que sempre se agrava com o calor, pode agora debelar-se facilmente com o emprego de SODORSAN. É um produto holandês excelente, com óptimos resultados e fácil aplicação.

Representante:

MARCO ANTÓNIO FRANCO, LDA. LISBOA

CASINO TURISMO

Telefone 40 ARMAÇÃO DE PERA

6 DE JUNHO DE 1959

Início dos bailes de «Week-end» com o bellissimo conjunto «NIGHT AND DAY»

Passa uma noite deliciosa no ambiente encantador deste Casino, o mais belo do Sul de Portugal.

Esmerado serviço de BAR-RESTAURANTE CEIAS

RESERVADO O DIREITO DE ADMISSÃO

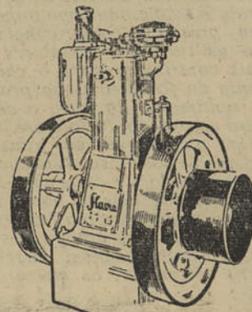
LÃ DE VIDRO EM PASTA PARA ISOLAMENTO DO SOM, CALOR E FRIO EM:

Câmaras Frijoríficas, Construção Civil, Construção Naval, Estufas, Caldeiras

E TODO O GÉNERO DE ISOLAMENTO INDUSTRIAL

Wandschneider & Cia., Lda.

Rua Cândido dos Reis, 74-2.º Telef. 50702 PORTO



BAIXA ROTAÇÃO Resolverá o seu problema de força motriz 5 a 15 CV

ENTREGAS IMEDIATAS EM N/ ARMAZENS

CENTENAS DE REFERÊNCIAS EM TODO O PAÍS

Representantes exclusivos.



MAQUINAS DE PRECISAO LDA. ENGENHARIA DE ARRABADA DE TAVARES LISBOA - RUA DA BOA VISTA 45-49 - TELEF. 666086-7 PORTO - RUA DE SANTA CATARINA, 653 A 663 - TELEF. 28720 LUANDA - RUA DIREITA DE LUANDA, 150 - TELEF. 4232-C. P. 304

MOTORES, REDES E FIOS DE NYLON

Marítimos BOLINDER'S e HSA de origem Sueca e Dinamarquesa

Os únicos motores de 12 CV. que gastam apenas 3\$50, por hora de serviço

Redes de Nylon ao preço de Fábrica Chumbadas e Rodetes de cortiça

Executa contratos de construção de barcos, prontos a pescar, com ou sem redes. Construção em 45 dias

CONCEDE FACILIDADES DE PAGAMENTO

Consulte a

Agência Comercial e Marítima do Sul

Telefone 76 Vila Real de Santo António

# LOULÉ... em retrato

UMA das coisas que mais con-  
frangem os bons louletanos,  
os que se doem por esta terra  
que foi Mãe de grandes e notáveis  
cultos nacionais, é a ausência do seu  
nome, nos itinerários de certas ex-  
cursões, que, no dizer dos seus orga-  
nizadores, se propõem fazer conhe-  
cer o Algarve.

Ora conhecer o Algarve, sem pas-  
sar por Loulé, afigura-se-nos, sem  
falsa modestia, um paradoxo, por-  
que Loulé tem, afora o que outras  
terras algarvias têm, algumas cois-  
as características e únicas, típica e  
genuinamente algarvias.

Não nos queremos referir ao mo-  
numento a Duarte Pacheco, único  
em Portugal na maravilha dos seus  
baixos relevos, na sobriedade latente  
da massa de cantaria que o completa  
e no alto significado de exaltação  
de uma obra que foi o fulcro de re-  
cuperação de um património que an-  
dava à deriva.

Não nos queremos referir ainda à  
boa traça do seu arranjo urbanísti-  
co, na largueza das suas ruas e aveni-  
das, à graça dos pórticos das suas  
igrejas — alguns, monumentos naci-  
onais — à majestade dos seus cas-  
teles reconstruídos, de onde se admi-  
ra um dos panoramas mais belos e  
variados do Algarve.

Queremos ainda deixar passar em  
claro a graça da capelinha de Nossa  
Senhora da Piedade e tantos outros  
motivos que poderíamos invocar,  
mas, ocorre-nos perguntar: em qual  
dos concelhos algarvios há a riqueza  
de artesanato que Loulé apresenta?

Onde se trabalha a palma e es-  
parto, os artigos de cobre, as velas  
de cores e floridas, as chaminés de  
barro, as olarias e os chapéus de  
palha que se vendem por todas as  
feiras do Sul?

Não serão estes interessantes atra-  
tivos que, levados pelo viajante, fi-  
cam a atestar e a lembrar, uma via-  
gem ao Algarve?

Não valerão estes elementos, o au-  
mento dos 4 ou 5 quilómetros em que  
o percurso da excursão é alongado?

Como é triste ver, que sob a capa  
de turismo nacional, se desenrola  
uma mentalidade meramente mercen-  
taril desses promotores de excursões  
turísticas.

Bem poderiam os responsáveis a  
quem incumbe a defesa dos interes-  
ses morais de Loulé, chamar para o  
estranho facto a atenção desses fal-  
sos divulgadores do turismo naci-  
onal.

O «Loulé... em retrato» publica-  
do no Jornal do Algarve, causou  
admiração...

Uma vez que em Loulé, foi proibi-  
da a sua publicação ou morria, ou  
tinha de se escolher outro lugar on-  
de se publicasse.

Era aguardado com curiosidade  
evidente, pois já soara que viria no  
Jornal do Algarve.

A curiosidade era manifesta. O  
que diria o «Loulé... em retrato»,  
depois de tantas semanas de «força-  
da» suspensão?

Os comentários depressa aparece-  
ram. Uns julgavam que vinha forte  
e duro, batendo impiedosamente,  
e antes de ler já manifestavam o seu  
desagrado e desaprovação.

No fim, acharam-no de pinhos  
de renda, fino, decente, correcto...

Outros classificaram-no de cã-  
nido, inocente e comprometido.

Alguns perguntavam-se: «Isto de  
inimigos disfarçados, deve ser cono-  
scosco!»

E o fotógrafo complacente, aceita-  
va tanta explicação...

E que nós temos tido a pretensão  
de pintar linhas, exprimir contornos  
em ligeiros esboços a lápis. Vem  
depois os «homens da cor» e com-  
eçam a pintar os nossos ligeiros es-  
boços com cores mais ou menos irri-  
tantes, mais ou menos berrantes,  
muitas vezes mal escolhidas e apli-  
cadas e afinal o boneco saiu horri-  
vel. Mas não fomos nós que assim  
o desenhámos. Quem lhe deu as cor-  
es é que responde pelo aspecto que  
tomou...

O que é preciso é que o «Loulé...  
em retrato» não acabe, para não se  
pensar que em Loulé, tudo pensa da  
mesma maneira.

Quisermos partir-nos a objectiva,  
mas cá estamos em Vila Real de  
Santo António, com uma teleobjecti-  
va, onde, certamente, não haverá  
pressões masculinas ou femininas  
que imponham ao nosso director,  
que decrete a lei... da rolha, a quem  
não disser Amen.

Na quinta-feira, 28 de Maio, inau-  
gurou-se finalmente o novo sistema  
de iluminação na Avenida Costa  
Mealha, sala de visitas de Loulé e  
salão de exposição domingueiro de  
modas e vestidos das elegantes lou-  
letanas.

A iluminação é completa, profusa  
e exuberante. Não queremos parecer  
bairristas em demasia, mas a ver-  
dade é que não há, na Província,  
artéria melhor iluminada. E quem  
não acredite, que venha ver.

Pode agora pensar-se que tal ilu-  
minação proporciona a realização  
de festas nocturnas e encantar-se a  
hipótese de um prolongamento das  
Batalhas de Flores, pelo Carnaval.

Sem tom de censura, manifeste-  
mos uma opinião, que, aliás, já ou-  
vimos de outras pessoas.

A característica principal da nos-

sa Avenida é, ser o passeio predilec-  
to dos louletanos que, para esse efeito  
utilizam mais o centro das placas  
que as faixas de rodagem. Ora, a  
iluminação beneficia mais estas que  
o centro.

Não seria interessante colocar ao  
centro de cada placa ajardinada  
uma coluna ou uma suspensão, que  
fizesse destacar o centro em relação  
aos lados?

Aproxima-se a época dos banhos  
e Quarteira parece que terá, este  
ano, feita concorrência, a julgar  
pelo número de casas alugadas.

Benefícios a oferecer aos veranean-  
tes é que não se vislumbrem. E' o  
mesmo que era no outro ano. Volta  
a falar-se, volta a discutir-se,  
volta a aparecer uma guerra de  
nervos, e... nada.

Isto também faz falta, porque, de  
contrário, muitas pessoas que pas-  
sam as épocas a criticar os que es-  
tão à frente dos organismos respon-  
sáveis, não teriam que dizer.

Assim vão surgir novos projectos,  
novas opiniões, novas disputas...  
novos devaneios.

E, afinal, tudo como dantes...

Murmura-se, por aí, que a es-  
trada de Loulé a Salir, cujo estado de  
conservação já se vai parecendo  
com as estradas de 19... (nem já  
nos lembra a data), não será ainda  
este ano, incluída no Plano de Me-  
lhoramentos Rurais do concelho.

Não queremos colaborar em insi-  
nuações, que, podem não correspon-  
der à verdade, mas lamentamos se  
assim for.

Salir é uma das freguesias que de  
mais auxílio carece, por ser das  
mais desprovidas de melhoramentos  
e ser a maior freguesia do concelho.

Também há tanto tempo que se  
espera pelo abastecimento de água e  
não sabemos por que é que não anda  
este projecto.

Salir é, também, um sítio procura-  
do por muita gente, para curas de  
repouso ou de campo, dado o facto  
de possuir um clima de altitude e  
esplêndidas paisagens. E' uma fre-  
guesia muito rica e justifica-se, ple-  
namente, toda a atenção que o Mu-  
nicipio lhe dispensa.

# Janela do Mundo

Conclusão da 1.ª página

servem para mais nada do que con-  
tribuir para a alimentação do bicho  
— as moscas — e, se destas nos vi-  
mos livres, do camaleão é que não.  
A sua atarracada figura, a sua ca-  
beça horrenda, os seus olhos cruéis  
continuam a perseguir-nos e a ofen-  
der a classe dos bichos.

Língua e cor, tração e subterfú-  
gio, de tudo é capaz esse animal  
para viver. O seu estômago vai,  
repentinamente, da ponta da língua  
ao extremo da cauda e, num ápice,  
a sua cor se adapta à do objecto  
onde se encontra, para, imóvel e  
despercebido, poder atacar a sua  
vítima. E' trágico e horrível, é  
grotesco e humano. A lei da natu-  
reza, inconsciente da sua força,  
abrange, neste caso também, a lei  
dos homens, conscientes dos seus  
limites. Muito mais repelente do  
que o camaleão-bicho é o camaleão-  
homem, que, embora não dotado  
das qualidades daquele, as inventa  
para melhor atingir os seus fins.  
Conhecemos homens que, para com-  
er, são capazes de utilizar meios  
idênticos aos do camaleão. Usando  
o disfarce e a palavra, chegam a  
negar a própria evidência e a abra-  
çar a mentira que dias antes rene-  
gavam. Egoístas, indignos, deson-  
estos, esses homens desacreditam-  
se moralmente, arrastando pela  
lama tudo o que possuem de mais  
nobre, de mais puro, de mais huma-  
no, em troca de uma vida fictícia  
em que reina a mentira, a desconfiança  
e o ódio. Possivelmente,  
vencem deixando atrás sinais de  
morte e injustiça, mas jamais as  
suas noites serão pacíficas e a sua  
consciência descansará. Ao contrá-  
rio do camaleão, não poderão  
sobreviver porque, um dia, as mos-  
cas terão a sua vingança. Então, a  
língua regressará às suas propor-  
ções devidas e a cor fingida desbotar-  
á, para darem lugar à Verdade e  
à Justiça. E os homens serão mais  
felizes...

Mateus Boaventura

# RAPAZ

De 29 anos e/ o curso de Guar-  
da-Livros deseja emprego mesmo  
como ajudante ou outro.

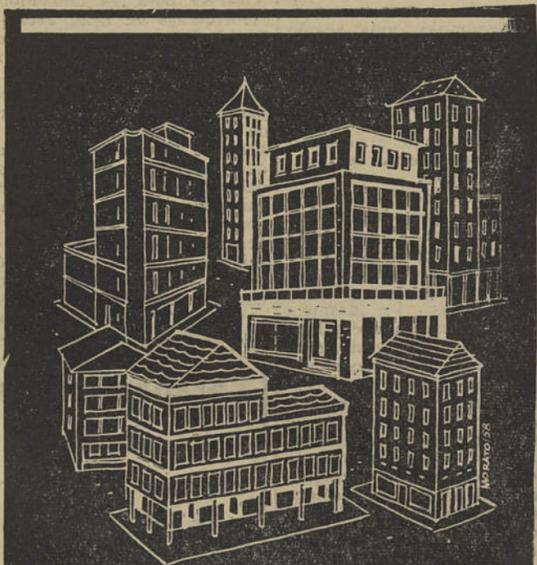
Resposta a este jornal ao n.º 157.

Repórter X

# ALVARÁS DE LICENÇA

Para todas as indústrias, Direcção-Geral de Espectáculos e  
montagens de motores marítimos. Plantas de construção civil.  
Trata e acompanha junto das entidades competentes

J. Costa, Rua Rebelo da Silva, 49 — FARO



**QUANTIDADE**  
É o termo para a enorme  
variedade de propriedades  
que A CONFIDENTE  
possue para colocação  
do vosso capital a render.

# A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS  
NA COMPRA, VENDA E HIPOTECA  
DE PROPRIEDADES

LISBOA - ROSSIO, 3 - TEL. 2 13 91 PORTO - R. PASSOS MANUEL, 14 - TEL. 2 70 11

# SOLDADOS DA PAZ

# Fala-nos o comandante dos Voluntários de Faro

Conclusão da 1.ª página

...está prometido. Felicito-o,  
por minha vez. Inventou e conse-  
guiu impor uma variante, na técni-  
ca jornalística das entrevistas. Vi-  
rou-se «o feitiço contra o feiticeiro»!  
Mal comparado...

A entrevista tem lugar na excel-  
ente instalação da Associação dos  
Bombeiros Voluntários, da Cruz  
Lusa, de Faro. O entrevistado é o  
comandante sr. Herculano da Sil-  
veira Herdade. Está presente o seu  
ajudante, sr. Flores. Dois «caro-  
las»... Não me canso de salientar  
as qualidades que observo nestes  
homens, nos Soldados da Paz, mes-  
mo que me arrisque a ser apodado  
de louvaminheiro por um, ou outro,  
leitor. Isso, pouco importa. O que  
importa é esclarecer a razão por-  
que se mantém; porque ainda exis-  
tem — nestes tempos — corporações  
constituídas por homens que arris-  
cam as suas vidas, ou, pelo menos,  
as saúdes e o seu bem-estar, a fa-  
vor do semelhante, não olhando a  
indiferentes e inimigos, sem qual-  
quer espécie de interesse material  
sério para si, ou para suas famílias.  
As corporações mantêm-se e, mui-  
tas, progredem, mercê do seu esfor-  
ço altruísta e da dedicação das di-  
recções; mercê da nobreza dos seus  
corações, da sua inteligência e di-  
namismo, votados ao serviço de  
tão elevada missão. Os homens que  
tenho na minha frente são dos «ca-  
rolas» mais apaixonados pela sua  
causa que tenho conhecido... Sei  
que Herculano Herdade tomou parte  
em vários Congressos de Bom-  
beiros, para assinalar a presença  
da sua Corporação. Temos privado  
muito, na vida corrente. Seu teste-  
munho do seu ansio em vésperas  
dessas actividades. Posso afirmar  
que a sua saúde ficaria seriamente  
abalada se não comparecesse. Não  
faltou em Coimbra, em Guimarães,  
em Leiria, em Viana do Castelo...  
Quando regressa e descreve o que  
se passou, os olhos brilham de sa-  
tisfação. Ganhou anos de vida!...  
Enquanto houver homens como es-  
te, dedicados, conscientes da mis-  
são que lhes incumbe, prontos a  
honrar a farda que vestem — o Mo-  
vimento de Bombeiros Voluntários  
não paralizará, em Portugal.

— Diga-me, comandante... Sem  
desprimor para os que não forem  
enaltecidos, qual o Congresso que  
mais o impressionou? Refiro-me ao  
conjunto de actividades...

— Agradaram-me, sem excepção;  
mas, plenamente, os Congressos de  
Coimbra e de Viana do Castelo.  
Coimbra, sob o ponto de vista de  
técnica. Viana, sob todos os as-  
pectos; a forma como as autorida-  
des locais seguiram e apoiaram as  
fases do Congresso; a participac-  
ção entusiástica da população,  
cidadã e das povoações vizinhas,  
vincaram, na memória de todos  
nós, congressistas, impressão inde-  
lével. Não calcula. Apoteose, em  
honra dos bombeiros!

— Foram, então, proveitosas, as  
sessões do XIII Congresso, realiza-  
do, no ano passado, em Viana do  
Castelo. Quer oferecer-nos algu-  
mas considerações sobre os assun-  
tos versados?

— As sessões dos Congressos  
são, sempre, proveitosas. Delas re-  
sulta a difusão de conhecimentos  
técnicos; ali, tratamos, como é  
óbvio, dos interesses das Corpora-  
ções. Durante os trabalhos estabe-  
lece-se ambiente de confraterniza-  
ção e consequente harmonia que,  
de Congresso a Congresso, se vai  
consolidando e avultando entre os  
apóstolos da nobre causa dos Bom-  
beiros. Dos assuntos versados, des-  
tacarei o pedido de redução do  
preço da gasolina. Mereceu espec-  
ial atenção o problema do recrui-  
tamento do pessoal, que, talvez,  
possa ser resolvido com a colabo-  
ração do Ministério da Guerra. E'  
natural que no futuro Congresso  
sejam debatidos problemas muito  
importantes para a vida das Corpo-  
rações, tais como o já referido re-  
crutamento do pessoal (dia a dia  
mais difícil) e o seguro das viatu-  
ras, a efectuar a cargo do Estado.  
As Corporações não têm possibili-  
dades financeiras para o realizar.

— Quantos dias duram as activi-  
dades do Congresso, compreenden-  
do visitas aos monumentos, ceri-  
mónias e festejos?

— Quatro dias, de bom trabalho,  
excelentes cerimónias e agradabil-  
íssimas diversões.

— Pode dar-me algumas referên-  
cias, descritivas, dos números do  
programa?

— Em primeiro lugar, referir-me-  
ei à chamada dos Bombeiros fale-  
cidos, desde o Congresso da Póvoa  
de Varzim, cerimónia realizada no  
termo dos trabalhos. Invocados os  
nomes dos camaradas que empre-  
nderam a «última viagem», todos,  
em unísono, respondemos: Presen-  
te! De facto, sentimos, nas nossas  
almas, a presença comovedora da-  
queles ausentes companheiros do  
mesmo ideal. O banquete de gala,  
no Hotel do Monte de Santa Luzia,  
teve assistência muito numerosa e

distinta. O serviço, deve ser classi-  
ficado — a moderna — de *simples-  
mente formidável!* O cenário, natu-  
ral, maravilhoso!

— Tive conhecimento de lindos  
festejos nocturnos. São famosos os  
que Viana sabe realizar...

— Fama justificada! Realizaram-  
se, dois arraiais. O primeiro, no  
Parque da montanha de Santa Luzia,  
que melhor designariamos por  
«garden-party»; reunião elegante,  
promovida por uma comissão de  
senhoras de elite; com a exhibição  
do conjunto musical do maestro  
Galarza. O segundo, assistido por  
uma verdadeira multidão, foi bem  
um arraial típico, minhoto. Decoreu-  
a beira do formoso rio Lima.  
Actuaram, diversos ranchos regionais,  
em constante sucessão; competi-  
ção folclórica garrida e artísti-  
ca. Essa festa memorável, rematou  
com fogos de artifício. O último  
número dessa inesquecível série, é  
difícil descrever-lo. Imagine uma  
extensíssima e larga cortina de  
fogo, parecendo emergir do rio; lab-  
areda culminada por um enorme ca-  
pacete de bombeiro, sobre a legen-  
da «Vida por Vida»... Essa fantás-  
tica visão, arrancou entusiásticos  
aplausos, dos milhares de especta-  
dores.

— As suas impressões acerca dos  
tradicionais desfile e parada das  
Corporações, através das ruas da  
cidade?

— Foi, também um espectáculo  
imponente. Quer pela quantidade  
de vistosos estandartes, quer pela  
presença de cerca de mil e duzen-  
tos bombeiros, entre comandantes,  
ajudantes, chefes e praças, mar-  
chando, garbosamente, em luzido  
cortejo a que deram realce cento e  
dezasete viaturas. Acompanharam-  
nos os delegados estrangeiros:  
brasileiro, coronel Souza Aguiar,  
comandante dos voluntários do Rio  
de Janeiro; os franceses, coronel  
Maruelle, comandante Audinet e  
capitão Laurent e o inglês, Harry  
Klopper, director da revista «Fire».  
Os habitantes da cidade, das jane-  
las e postados, em alas compactas,  
nos passeios das ruas, aclamaram-  
nos e cobriram-nos de flores. Hospi-  
taleira gente!

— Deu-se um episódio curioso:  
uma velhinha, destacou-se da mul-  
tidão e dirigiu-se a uma senhora  
da secção auxiliar de uma das Cor-  
porações, saudou-a, efusivamente,  
apertando-lhe a mão, exclamando:  
Oh! Minha rica senhora! Minha linda  
rosa!... A velhinha, enteneceu-se,  
ao ver que também a Mulher  
dá a sua contribuição voluntária,  
para o bom êxito da missão do  
Bombeiro.

— Crê que possuímos agrupam-  
entos folclóricos e artísticos, ca-  
pazes de rivalizarem com os que  
brilharam nas festas de Viana do  
Castelo?

— Sim... Se houver boa vontade  
e espírito de colaboração; traba-  
lhando-se com tempo e método;  
afinando o muito bom que já existe,  
Faro, pode proporcionar aos seus  
hóspedes e aos visitantes-turistas,  
distracções muito agradáveis. Con-  
temos desde já, com os ranchos  
folclóricos de Faro, Conceição e  
Alte, entre outros; com as bandas  
de música de Albufeira, de Loulé,  
de Olhão, de Moncarapacho; com  
agrupamentos musicais, como os  
do T. A. F. Para os fogos, há bons  
pirotécnicos...

—...e, ainda, excelentes amado-  
res de teatro que poderão organi-  
zar e levar a efeito, um espectáculo  
ao ar livre. Não esqueçamos a  
representação, na Sé, do «Grande  
Teatro do Mundo», de Calderon de  
la Barca...

— Sem dúvida. Enfim... Tem-  
mos um ano na frente, para idear,  
planear e para executar...

— A sua opinião sobre as datas  
em que deve realizar-se o Congres-  
so?

— Meado de Julho. A população  
não terá ainda saído para veraneio.  
O tempo, é mais seguro...

— Qual é o efectivo da sua Cor-  
poração?

— Trinta e três homens.

— De que material e de que viatu-  
ras dispõe?

— Vamos vê-los.

Percorro o quartel em visita mi-  
nuciosa. É amplo, arejado e bem  
iluminado. A mobília, é muito po-  
bre, mas, no 1.º andar, nada falta  
para a comodidade e recreio dos  
Bombeiros. As viaturas e o mate-  
rial ocupam dois vastos armazéns,  
no rés-do-chão. Foram-me mos-  
tradas máscaras de circuito fecha-  
do, material de sapadores, uma  
esplêndida auto-ambulância, um  
auto pronto-socorro, em estado de  
novo; outro auto pronto-socorro e  
duas moto-bombas, uma delas a  
célebre «Adelaidinha», veterana  
que, apesar dos seus 30 anos de  
serviço, ainda se comporta valente-  
mente, na «hora H».

— O que desejaria adquirir para  
que a sua Corporação ficasse bem  
servida de material e viaturas?

— Precisamos de um moderno  
carro de «nevoeiro». Desejaríamos  
obter um pronto-socorro, ligeiro,  
tipo «jeep», destinado a locais aon-

de não podem transitar os carros  
grandes. Há sinistros que ocorrem  
nos arredores da cidade, em sítios  
cujo acesso é, quase sempre, feito  
por caminhos estreitos e mal pavim-  
entados.

— A população de Faro, reco-  
nhece o valor da sua Corporação  
de Voluntários?

— O comandante, sorri, tristemente,  
e responde:

— Reconhece... Mas... Retrai-  
-se, quanto ao auxílio material e  
moral. O apoio moral, é muito im-  
portante. Confortante, a justiça que  
se faça à nossa bem intencionada  
actuação.

— Quantos sócios auxiliares re-  
gista o vosso «Livro de Ouro» dos  
beneméritos farenenses?

— Cento e trinta e seis.

— ?...

— A cotização anual não atinge  
4.500\$000!!!

— ???...

— Inacreditável?! Pois, é mesmo  
assim.

— Recebem do Estado e do Mu-  
nicipio subsídios substanciais?

— Recebem os. Se assim não  
fosse, a Corporação não podia man-  
ter-se.

— O Estado, através do Conselho  
Nacional de Incêndios, tem-nos da-  
do alguns subsídios que nos per-  
mitiram renovar as nossas viaturas  
e obter material para o serviço de  
incêndios. Mas, olhe, que o dinhei-  
ro é, unicamente, para esse fim.  
Não para uniformes, água, luz e  
outras despesas correntes.

— O Município tem a seu cargo o  
seguro do pessoal e cedeu-nos um  
armazém, onde temos a melhor  
viatura. Esperamos que nos conceda  
um subsídio para pagamento da  
água e da luz. Devo frisar que  
temos constatado, da parte do sr.  
presidente, dr. Gordinho Moreira,  
a melhor boa vontade em ser útil  
à nossa Corporação.

— Os seus Bombeiros auferem  
qualquer pequenas vantagens mate-  
riais?

— Não, senhor. Nem mesmo uma  
simples compensação, quando são  
obrigados a abandonar as suas ocu-  
pações profissionais. O caso é fre-  
quente. São, autenticamente volun-  
tários. Não compete aos volun-  
tários, em Faro, desempenharem  
os serviços, gratificados, em casas  
de espectáculo, vistorias, etc.

— Existem cordiais relações en-  
tre Municipais e Voluntários?

— Antes de eu ter tomado conta  
desta Corporação, as desinteligen-  
cias, entre as praças das duas cor-  
porações, eram constantes. A mi-  
nha maior e primeira preocupação  
— ao tomar o comando — foi esta-  
belecer perfeita harmonia entre as  
duas corporações, porque, a causa  
comum dos Soldados da Paz, e  
Servir. Servir, em Paz.

— Quando foi fundada a sua Cor-  
poração?

— Em 8 de Janeiro de 1923. A  
«Cruz Lusa» chegou a ter um ser-  
viço de saúde dos melhores do país,  
naquele tempo. Mantinha dois mé-  
dicos e possuía sala de operações,  
mesmo para alta cirurgia. Essas  
actividades cessaram quando as  
condições do hospital da Miseri-  
córdia, até ali precárias, se modifi-  
caram.

— Quantos anos de serviço, cor-  
ta o comandante?

— Dezoito anos.

— Conferiram-lhe condecorações?

— A medalha correspondente a  
10 anos de «Bom Serviço».

— Uma última pergunta, se faz o  
favor de me atender... Parece-lhe  
que será possível despertar, nos  
habitantes do Algarve, o interesse  
e o apoio que correspondam aos  
que foram manifestados pela gente  
nortenha?

— Mercê de uma ampla propa-  
ganda, bem conduzida, os algarvios,  
tendo conhecimento do que se fez  
noutras terras e a consciência de  
que está em causa o brio da nossa  
província, não deixarão «seus crê-  
ditos em mãos alheias».

— Contamos com o apoio de todo  
o Algarve, mormente, com a colabo-  
ração da população de Faro, di-  
rectamente e especialmente focada,  
quanto ao êxito deste empreendi-  
mento, de projecção nacional...

— E mais não disse, o comandante  
Herculano Herdade.

— Quanto a mim, disse o bastante,  
porque, a bom entendedor, meia  
palavra basta!

João Trigueiros

# MOVIMENTO do Hospital de Olhão

NO mês de Abril deram entrada  
no Hospital de Olhão, 26 doen-  
tes pela Câmara Municipal, 20  
pela Casa dos Pescadores e 13 de  
outras procedências. No serviço  
de Cirurgia efectuaram-se 18 inter-  
venções; no de Banco foram assis-  
tidos 50 doentes; e na consulta ex-  
terna e de radiologia foram obser-  
vados 108.

Visado pela delegação  
de Censura

# DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na **CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES**,  
(CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 13-1.º - Telefone 82 - LAGOS. Remessas para todo o País

## O ALGARVE e a sua casa regional foram homenageados no Centro de Profilaxia de Lisboa

A ÚLTIMA sessão mensal do Centro de Profilaxia de Lisboa realizada na Casa Militar, foi dedicada ao Algarve e à sua Casa Regional em Lisboa.

Presidiu o sr. prof. Costa Sacadura, ladeado pelo presidente da direcção da Casa do Algarve, sr. major Mateus Moreno, pela sr.ª marquesa de Nisa e sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ambos algarvios, e pelos srs. prof. Adelino Padesca, comandante Jaime do Inso e dr. Paulo de Cantos, representantes do Centro.

A abrir a sessão, o sr. prof. Costa Sacadura enalteceu as belezas e riquezas do Algarve, saudando nos algarvios presentes toda a prestigiosa colónia algarvia de Lisboa.

O sr. prof. Adelino Padesca, salientou a seguir o facto de haver o Infante D. Henrique escolhido o Algarve para escola dos heróis navegadores «que deram novos mundos ao mundo» e considerou esse facto mais que suficiente para tornar particularmente relevante na nossa Província as grandes comemorações centenárias henriquinas do ano próximo.

Proferidas depois breves palavras sobre assuntos de expediente, pelo secretário-geral do Centro, sr. dr. Paulo de Cantos, e agradecidas, pelo sr. major Mateus Moreno, as referências que acabavam de ser feitas ao Algarve e à colectividade que o representa em Lisboa, seguiu-se o almoço de confraternização, a que assistiram mais de uma centena de convivas e em que foi solicitado a abrir os brindes, como presidente honorário da assembleia geral da Casa do Algarve, o antigo ministro plenipotenciário, sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida.

Em seguida, foi dada a palavra ao sr. major Mateus Moreno que agradeceu a homenagem prestada ao Algarve e recitou versos de Emiliano da Costa e João Brás que definiram o carácter da gente algarvia.

Disseram depois entusiásticas composições, todas enaltecendo as qualidades da gente algarvia e as possibilidades turísticas do Algarve, as sr.ªs D. Maria Adelaide Leal, D. Laura Avis, D. Emilia Aleixo, e os srs. Viana Bastos e Viegas Ventura, proferindo também eloquentes brindes, o professor Cruz Filipe, que prestou justa homenagem à actividade editorial do grande coleccionador de arte e industrial algarvio, sr. Agostinho Fernandes; comandante Jaime do Inso, que recordou a sua inolvidável estadia no Algarve; o coronel Costa Júnior, que salientou a valentia e nobre espírito de camaradagem dos algarvios; Neves Franco, que focou alguns aspectos do turismo na província; dr. Moreira Júnior; Jerónimo Marcos, que fez uma curiosa evocação histórica do Algarve, ilustrada com declamações de D. Maria Adelaide Cabral; Arnaldo Martins de Brito, Viana Bastos, sr.ª marquesa de Nisa e drs. Luís A. dos Santos, Costa Sacadura e Paulo de Cantos, que se regozijaram pelo êxito da reunião.

## A CASA MARSILVA de MARIA LOPES

APRESENTA A V. EX.ª CALÇADO DE SENHORA A PREÇOS DE SALDO

Bordados de toda a região do Minho, painéis (novidades acabadas de receber) e calçado para senhora, homem e criança (finos modelos a preços sem competência)

Rua Matias Sanchez, 24 e 26 (antiga Sapataria Lino)

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## LEILÃO 2.ª PRAÇA

No dia 8 do corrente, pelas 15 horas, na Rua Gil Eanes n.º 14 e 15, desta vila, serão vendidos em arrematação judicial, com base em metade dos preços que lhe foram atribuídos no respectivo arrolamento, os restantes bens pertencentes à massa falida da firma DUARTE MASCARENHAS, Lda. os quais são constituídos por: vários lotes de caixas com vasio de diferentes formatos; um camião de carga; um cofre duplo de cozer peixe; uma máquina grande de lavar latas; carvão de pedra para caldeira; 231 latas de calda de tomate; várias porções de azeite e de óleo; três secretárias grandes com tampo de vidro e outros objectos de escritório; um aparelho de rádio; caixotes; canastras; grelhas; bidons e latas vasias.

Olhão, 1 Junho de 1959

O Administrador da Falência

## Desenhador Litógrafo

Precisa-se para a província. Resposta a este Jornal ao n.º 162, com a indicação de casas onde tem trabalhado e de ordenado que pretende.

Guarda-se sigilo no caso de estar empregado.



INSECTICIDAS E FUNGICIDAS

## SUISECT

Pós molháveis com 50% de DDT

Para o combate à lagarta da couve, da amendoeira e "bichado" da fruta

## MALATHANE

Emulsão com 50% de Malathion

Contra afídios (piolhos) da fava, «bichado» da fruta, mosca da laranja, etc.

Para a formiga argentina use

## FORMIDANE

Emulsão com 73% de Clordane

**COSAN** **COBRE-BERK**  
Enxofre molhável Oxidoreto de cobre

## DITHANE-z78

Fungicida orgânico de zinco (Zinebe)

MELHOR PROTECÇÃO MAIOR PRODUÇÃO

Representantes exclusivos:

## SOCIETATE PERMUTADORA

S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 190 LISBOA Telef. 48141/2

Distribuidor em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO:

ALFREDO DE CAMPOS FAISCA

## Está em plena actividade

o Rancho Folclórico

de Santo Estêvão de Tavira

SANTO ESTÊVÃO — O Rancho Folclórico da Casa do Povo desta povoação, que desde o princípio de Abril se encontra em ensaios rigorosos, tem já alguns contratos firmados e outros em perspectiva para a nova época. A direcção agradece que todos os convites lhe sejam dirigidos com a necessária antecedência.

Casa do Povo — Por despacho superior, de 6 de Maio, foi nomeado tesoureiro da Casa do Povo para o resto do triénio 1958-1960, o sr. Florentino Fernandes Gago. — C.

## BILHAR

Vende-se um bilhar completo, em estado de novo.

Tratar com Café Império

— Lagoa.

## O JORNAL "FESTA"

oferece bilhetes de graça

para as corridas de touros

O JORNAL «Festa», resolveu oferecer todas as semanas, aos seus assinantes em dia, bilhetes de graça para as corridas de touros. O processo de atribuição desses bilhetes é tão simples e fácil que até qualquer criança se pode candidatar. E a verdade é que já alguns assinantes daquele jornal foram contemplados com bilhetes de graça na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa, na Praça de Póvoa de Varzim e na Praça de Vila Viçosa.

Os interessados devem dirigir-se aos escritórios do jornal «Festa», Rua de Santo António da Glória, 6-2.º C, em Lisboa (com os telefones 21271 e 21646), onde lhes serão dados todos os esclarecimentos.

## Esclarecimento

DOS C. T. T.

a uma nossa reclamação

A CERCA da nossa reclamação sobre o facto de não ter sido expedida no próprio dia uma carta endereçada ao Jornal do Algarve e depositada num marco de Lisboa, informamos a Administração Geral dos CTT que as correspondências recolhidas às 19 horas dificilmente podem aproveitar a expedição do próprio dia, que se realiza às 21 horas, pois essas correspondências são recolhidas por transportes mecânicos e vão entrando gradualmente no 3.º sector da Estação Central dos Correios, onde sofrem manipulação à medida que ela se torna possível, uma vez que a essa hora está já em curso o fecho das malas que embarcam na estação do Sul e Sueste às 21 e 25. Termina cerca dessa hora, depois das operações de manipulação e marcação, o fluxo das correspondências recolhidas na tiragem das 19 horas, pelo que muitas delas já não podem aproveitar a expedição.

Quando ao caso concretamente citado pelo articulista, nada foi possível apurar, admitindo-se que tenha, de facto, havido mau serviço na indicação das horas de tiragem no mostrador do marco a que alude, embora existam funcionários encarregados de fiscalizar a forma como ele é executado mas, como é intuitivo, aqueles não podem estar simultaneamente em todos os locais e daí ocorrerem, por vezes, anomalias que os CTT muito desejariam evitar.

# A comemoração do centenário DA COLONIZAÇÃO DO SUL DE ANGOLA

Conclusão da 1.ª página

não repetirmos o que por outrem já foi dito nestas colunas, seria mais do que suficiente para justificar o apelo formulado há meses no Jornal do Algarve e a que largamente nos referimos no nosso primeiro artigo. Além de que, se é tempo, com efeito, dos próprios olhanenses pagarem a dívida de gratidão que inquestionavelmente têm para com a memória dos seus antepassados que viveram depois dos heróis de 1808 e ilustraram também o nome da sua terra, mormente para com a daqueles que levaram esse mesmo nome a paragens longínquas e aí o honraram e dignificaram sobremaneira, — também não é dispiciendo, sobretudo nos tempos que correm, mostrar *urbi et orbi* que Olhão possui muitos mais títulos nobilitantes, por serviços à Pátria, do que vulgarmente se julga, e por eles é credora de bem maiores agradecimentos (ou titular de mais alguns direitos...) do que vulgarmente se supõe.

O apelo feito oportunamente nestas colunas não é, porém, somente justo; é igualmente muito oportuno. E aquilo para que procurou concitar a atenção, a boa vontade e o interesse dos olhanenses é absolutamente viável; é-o, pelo menos, a sugerida celebração, no próximo ano, do centenário da chegada dos primeiros pescadores olhanenses ao sul de Angola, até mesmo continuando *fechada em copas* a maioria ou quase totalidade dos que, por suas responsabilidades intelectuais e sociais, tinham obrigação indeclinável de cooperar na sua realização, visto esta, em boa verdade, depender só do querer das autoridades municipais, e a sua própria projecção nacional talvez apenas também da boa vontade e interesse de dois olhanenses que, pelas posições ocupadas de momento, podem auxiliar valiosamente ou até decisivamente, aquelas autoridades e, na sua qualidade de filhos de Olhão, por certo não deixarão de o fazer. Porque, com efeito, dada a facilidade e simplicidade dos trabalhos de organização exigidos e sobretudo a insignificância das despesas a fazer (a falta de verba não constituirá, portanto, impedimento de maior...) parece que bastará o *querer* das autoridades municipais para que se efectuem, no decurso do próximo ano, em vários dias sucessivos ou intercalados, cerimónias singelas, mas significativas e elucidativas, como seriam, por exemplo: uma sessão pública do Conselho e da Câmara Municipal com a presença dos *homens bons* do município e demais autoridades locais (e até das provinciais), para consagrar, pela voz de alguém competente e especialmente convidado, a obra colonizadora dos olhanenses nas terras de Benguela e Moçâmedes; uma sessão de cinema, com exibição de filmes documentários sobre aquelas mesmas regiões angolanas (o S. N. I. e a Agência Geral do Ultramar nunca negam colaboração gratuita a iniciativas destas...) e durante a qual alguém qualificado explique ao povo de Olhão, em termos simples e facilmente compreensíveis, por que foram beneméritos da Pátria os seus referidos antepassados; palestras em todas as escolas do concelho e até mesmo nas fábricas, nos sindicatos, nos grêmios e nas casas dos pescadores, sobre o significado das celebrações; um solene *Te Deum*, ou uma simples Missa de acção de graças, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário; uma ida de toda a população da vila, em cortejo cívico, ao velho Compromisso Marítimo, para, nos seus actuais dirigentes, homenagear os pescadores que tão alto elevaram o nome de Olhão em terras de África, cerimónia durante a qual poderia descerrar-se ali uma lápida comemorativa ou evocativa, e a que poderiam igualmente associar-se os olhanenses dispersos pelo País e que se deslocariam, nessa altura, à sua terra natal, em grandes excursões que, temos quase a certeza, não deixariam de organizar para o efeito; etc.

Sem dúvida que será possível apresentar um óbice — aliás, o único — à realização de tais comemorações, como de quaisquer outras semelhantes, em 1960. No próximo ano comemora-se o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique e é desejo do Governo, e propósito da Comissão Executiva das comemorações, que estas se revistam de carácter eminentemente nacional, em toda a acepção da palavra, alargadas portanto a todos os recantos do território português e vividas intensamente pela gente lusa de todos os continentes e de todas as condições sociais e intelectuais,

que delas deverão fazer o único tema das suas meditações cívicas, a única causa dos seus júbilos colectivos, o único pretexto das suas manifestações patrióticas — e assim parece que nenhuma outra manifestação cívica, mesmo meramente local, deverá ter lugar em 1960, que não seja enquadrada nas grandes comemorações, centenárias que hão-de mostrar ao Mundo a consciencialização, por parte da Nação portuguesa, do valor nacional e universal do Infante de Sagres. Mas, tais comemorações, como também é desejo do Governo e propósito da Comissão, não visam apenas exaltar a figura do Infante e, antes, o seu objectivo é igualmente celebrar a obra ingente da *dilatatação da Fé e do Império*, sobretudo a obra civilizadora de Portugal nos quatro cantos da Terra, delineada e alcançada no penhasco de Sagres; e a realidade é que a acção exercida durante o último quartel do século passado, no sul de Angola, pelos pescadores olhanenses — aliás, descendentes de tantos e tantos que já tinham, por certo, ido até ali perto nas caravelas do Infante e nas do *Príncipe Perfeito* ou talvez mesmo nas naus do *Rei Venturoso* — não é mais do que uma parcela, pequena sem dúvida, mas não menos valiosa, nem menos significativa, dessa grande obra civilizadora, e a sua consagração, enquadrada nas grandes comemorações henriquinas de 1960, tem nestas, incontestavelmente, o seu lugar próprio, a sua oportunidade flagrante e o seu ambiente mais adequado. Foi até, por isso, que anteriormente dissemos considerar muito oportuno o apelo lançado nas colunas deste jornal; e por isso também de certo modo afirmámos depois que a boa vontade de dois olhanenses ilustres poderia dar às sugeridas comemorações projecção nacional, desta resultando ainda para aquelas, com certeza, um brilho e um significado que de outro modo dificilmente poderiam ter.

Parce-nos, portanto, não ser descabido que, ao secundarmos entusiasticamente o apelo nestas colunas feito à generalidade dos filhos de Olhão, o endossoesmos especialmente à Câmara Municipal do nosso concelho e aos dois ilustres olhanenses — os drs. F. Fernandes Lopes e Alberto Iria — que, com tanto brilho para as suas pessoas e tanta honra para a sua terra, fazem parte precisamente da Delegação Algarvia para as Comemorações Henriquinas de 1960. Isto quanto às sugeridas comemorações centenárias, porque, quanto ao igualmente sugerido monumento, além da dificuldade da falta de tempo para a pôr de pé até 1960, outras há de que, já agora, falaremos num próximo número; e isto ainda sem que, fazendo aquele endosso, nos queiramos furtar à já prometida e em qualquer caso sempre insignificante colaboração, porque a mera desvaliosa presença em tudo o que seja para bem da nossa terra, está sempre certa e é sempre incondicional.

Antero Nobre

## Carapau em óleo

1/4 club 30 m/m

marca **SÓNIA**  
Vende Saias, Irmãos & C., Lda.  
**OLHÃO**

MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA  
Direcção-Geral dos Combustíveis

## EDITAL

Fernando Afonso Vieira Campos, engenheiro de 2.ª classe, exercendo as funções de chefe da 5.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis, faz saber que C. M. Viegas Júnior, Lda. requereu alvará de licença para a instalação de armazenagem de combustíveis sólidos, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sita em Brancanes, freguesia de Quelães, concelho de Olhão e distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa, e Direcção-Geral dos Combustíveis, 25 de Maio de 1959.

Pelo Chefe da 3.ª Repartição, O eng. de 2.ª classe

Fernando Afonso Vieira Campos



## INQUÉRITO à produção industrial DO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

com 658.878 contos. O capital fixo existente era de 498.467 contos. No que respeita a indústrias caseiras (exercidas por uma 66.ª pessoa) havia 1.649 estabelecimentos que acusaram o valor bruto de produção de 33.950 contos, com um despesa de 20.601 contos. O capital fixo destas pequenas indústrias ascendia a 37.730 contos.

Vejam agora o valor industrial dos concelhos, excluindo a indústria caseira. A cabeça de todos figura Olhão, com o valor bruto de produção em 1957, é claro, de 266.120 contos, implicando despesas no montante de 198.466 contos. As remunerações pagas subiram a 27.211 contos, correspondentes a 1.152.790 dias de trabalho; capital fixo existente, 96.762 contos. Vem depois Faro, com o valor de produção de 146.040 contos e a despesa de 107.526 contos. As remunerações pagas ascenderam a 14.240 contos, correspondentes a 529.742 dias de trabalho; capital fixo existente, 81.170 contos. Segue-se Vila Real de Santo António, com o valor de produção de 121.351 contos e a despesa de 97.068 contos. As remunerações pagas subiram a 11.715 contos, correspondentes a 505.434 dias de trabalho; capital fixo existente 40.982 contos. Imediatamente aparece Portimão, com o valor de produção de 114.559 contos e a despesa de 100.930 contos. As remunerações pagas subiram a 16.519 contos; correspondentes a 644.892 dias de trabalho; capital fixo existente, 59.177 contos.

E agora, fornecidos os números dos quatro concelhos que marcam lugar destacado na economia da Província, daremos indistintamente os números referentes aos outros concelhos, os quais, para evitar maçar os leitores, serão dados por meio de abreviaturas: **Albufeira** — produção, 12.815 contos; despesa, 9.610 c.; remunerações pagas, 1.176 c., dias de trabalho, 50.470; capital fixo, 8.029 c. **Alcoutim** — p., 601 c.; desp., 288 c.; r. p., 73 c.; d. t., 3.035; cap., 669 c. **Aljezur** — p., 1.299 c.; desp., 782 c.; r. p., 114 c.; d. t., 8.039; cap., 851 c. **Alportel** — p., 22.959 c.; desp., 18.761 c.; r. p., 1.415 c.; d. t., 55.573; cap., 13.086 c. **Castro Marim** — p., 3.977 c.; desp., 1.954 c.; r. p., 451 c.; d. t., 18.567; cap., 7.834 c. **Lagoa** — p., 75.267 c.; desp., 57.272 c.; r. p., 10.228 c.; d. t., 410.138; cap., 38.752 c. **Lagos** — p., 84.124 c.; desp., 58.052 c.; r. p., 11.036 c.; d. t., 500.923; cap., 50.293 c. **Loulé** — p., 32.334 c.; desp., 23.413 c.; r. p., 2.357 c.; d. t., 90.769; cap., 21.500 c. **Monchique** — p., 4.057 c.; desp., 2.672 c.; r. p., 410 c.; d. t., 18.667; cap., 6.384 c. **Silves** — p., 74.730 c.; desp., 51.487 c.; r. p., 7.370 c.; d. t., 278.822; cap., 45.976 c. **Tavira** — p., 43.549 c.; desp., 30.564 c.; r. p., 2.644 c.; d. t., 110.350; cap., 26.207 c. **Vila do Bispo** — p., 1.843 c.; desp., 1.304 c.; r. p., 178 c.; d. t., 7.352; cap., 831 c.

Vejam agora o número de pessoas ao serviço da indústria, em 31 de Dezembro de 1957: Olhão, 5.326; Portimão, 2.984; Faro, 2.736; Vila Real de Santo António, 2.427; Lagoa, 2.083; Lagos, 2.019; Silves, 1.629; Albufeira, 363; Alcoutim, 48; Aljezur, 97; Alportel, 659; Castro Marim, 255; Loulé, 945; Monchique, 210; Tavira, 831; Vila do Bispo, 72.

O estudo destes números presta-se a conclusões muito interessantes. A falta de tempo não nos permite extrair essas conclusões, deixando esse encargo aos economistas da nossa Província que se dispõem a fazer uma análise detida e consciente dos números que acabamos de transcrever. Pela sua evidência, não podemos deixar de assinalar o facto de que tendo produzido Vila Real de Santo António valores no montante de 121.351 contos, pagou de mão de obra 11.715 contos, enquanto que Portimão tendo acusado a produção de valores no total de 114.559 contos, pagou de mão de obra 16.519 contos.

Os economistas podiam talvez explicar-nos estas disparidades.

## SCOOTER

Vende-se uma scooter «Bella Zundapp».

Tratar com Ricardo (Inglês) Silves.

## BARCO

Vende-se a enviada LUZÉLIA com todos os apetrechos e sacada. Comprimento 11,65 m.; boca 3,35 m.; pontal 1,40 m. Motor DEUTZ de 2 cilindros com 25 cavalos. Preço: 40.000\$. Respostas à Sociedade Pescarias do Sul, Lda. — Olhão.

A SHELL PORTUGUESA E A FEIRA das Indústrias Britânicas

A FIM de proporcionar uns momentos de distração e convívio às individualidades que se encontram em Lisboa por motivo da F. I. B., a Shell Portuguesa exibiu, no cinema da F. I. P., dois magníficos filmes produzidos pela Shell Film Unit, intitulados «A canção das nuvens» em que se salienta a cooperação internacional que existe no campo da aviação de transporte, e «A grande ameaça», que foca a luta travada pelo Homem contra os insectos prejudiciais à saúde e à agricultura.

ROYAL A MÁQUINA DE ESCREVER Nº 1 DO MUNDO SOC. COM. LUSO-AMERICANA, LDA. LISBOA - PORTO - FARO

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL Torneio de Competência

UMA OPORTUNIDADE que não se pode perder... COM UM POUCO MAIS DE PONTARIA...

Campeonato Nacional (III Divisão) Lusitano, 1 - Silves, 0 O Lusitano, com três jogos realizados fora de casa em pouco mais de dez dias, e cerca de 1.200 kms. percorridos, apresentou-se frente ao seu público para disputar o encontro com os seus comprouvianos de Silves, falho de poder físico. Mesmo assim ganhou! E ganhava por diferença convincente, se Inácio, guardião «silvense», não se tivesse creditado com uma excelente exibição. O Lusitano dispôs de três boas ocasiões de golo que não converteu. Campos (defesa central) foi o autor do único golo, concretizando uma avançada do Lusitano com um «tiro» imparável.

Quando não se espera... Cuf, 2 - Olhanense, 2 Quem seria capaz de supor que o Olhanense ia buscar ao campo de Santa Bárbara um ponto, em confronto com o «leader» do torneio? Cremos que nem o mais optimista dos optimistas se aventuraria a tal. Todavia, os moços da vila cubista não se impressionaram com o nome do adversário nem com a sua condição de primeiro. Procuraram defender-se dos ataques contrários, cobrindo bem o seu meio campo e depois, em rápidas incursões, levaram o pânico ao último reduto contrário.



CICLISMO JOSÉ DA COSTA DO BELENENSES abrilhantou o primeiro festival desta época na pista de Tavira

Ginásio de Tavira reuniu no domingo, na sua pista, quase meia centena de ciclistas, o que demonstra bem o entusiasmo que a modalidade está despertando no Algarve. O festival iniciou-se com uma prova para populares, seguida de outras para iniciados, amadores e independentes, todas elas disputadas com andamentos rijos, tentativas de fugas e perseguições, que muito animaram a assistência.

NECROLOGIA

Dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens De Lisboa, onde faleceu, para o cemitério de Tavira realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral do sr. dr. Pedro Pacheco Neto Mil-Homens, de 54 anos, juiz corregedor do Tribunal da Boa-Hora. Era filho da sr.ª D. Maria da Graça Pacheco Mil-Homens e do sr. Carlos Rodrigues Mil-Homens, proprietário, e pai da sr.ª D. Maria da Graça Eusébio Pacheco Mil-Homens Barreiros dos Reis, casada com o sr. eng. Júlio Eduardo Barreiros dos Reis. Muito estudioso e dotado de rara inteligência, o ilustre extinto, que foi durante alguns anos juiz nas comarcas de Vila Real de Santo António e de Faro, conquistara posição de especial relevo na magistratura portuguesa, pelo que o seu passamento é profundamente lamentado pelos seus inúmeros amigos e admiradores.

NYLON FIOS E CABOS PARA A PESCA Fios nylon para redes maceiras, pesca da melva. Fios nylon para redes, pesca da corvina. Fios nylon para redes, pesca do savel. Fios nylon para redes e palangras da pesca do atum de 50 a 150 quilómetros de comprimento (sistema japonês).

Classificação: Lusitano, 8 pontos; U. Montemor, 6; Elvas, 4; Silves, 2.

Classificações das provas realizadas: Populares: 15 voltas em linha; vencedor, Valentim Paulista; Iniciados: 30 voltas em linha; vencedor, Vítor Sousa, do Louletano; Amadores: 30 voltas em linha; 1.º, Virgílio Nunes, do Ginásio; 2.º, Abílio Carrega, do Ginásio; 3.º, Valério Clara, do Louletano. Independentes: Eliminatória de 3 em 3 voltas: 1.º, Jorge Corvo; 2.º, Sérgio Páscoa; 3.º, Alcide Neto, todos do Ginásio. Independentes: 80 voltas em linha: 1.º, Sérgio Páscoa; 2.º, Jorge Corvo; 3.º, Virgílio Nunes, do Ginásio; 4.º, Manuel Besoiro, do Louletano; 5.º, Alcide Neto, do Ginásio.

Os «sprints» obrigatórios desta prova foram ganhos, respectivamente, o 1.º por Jorge Corvo, o 2.º por Bárbara, o 3.º por Alcide e os 4.º, 5.º, 6.º e 7.º por Virgílio Nunes.

Em LISBOA — a sr.ª D. Teresa da Conceição Dias, de 52 anos, natural de Vila Real de Santo António, mãe do sr. Oscar Dias. — a sr.ª D. Rita da Conceição Severino Gomes, de 71 anos, natural de Lagos, viúva. As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve sentidas pêsames.

SULFATO DE AMÓNIO DO "AMONÍACO PORTUGUÊS" Esta é a sua marca

Jogos para amanhã III Divisão LUSITANO - Montemor Elvas - SILVES Nacional de Juniores OLHANENSE - Sporting

A E. V. A. E A RODVIÁRIA fizeram anos FOI no sábado passado que a Empresa de Viação Algarve, Lda. e a Empresa Rodoviária do Sotavento do Algarve comemoraram, respectivamente, os seus 26.º e 17.º aniversários. Os funcionários das duas conhecidas firmas reuniram-se num jantar de confraternização, na Pensão Madalena, durante o qual se fizeram afirmações de fé nos destinos das populares empresas de camionagem que ao desenvolvimento turístico do Algarve têm devotado o melhor do seu esforço.

Para todos!... PHILISHAVE aerodinâmica o sistema ideal de barbear Visite o mais próximo revendedor

**Oferece-se**

Relojoeiro com ferramenta. Dá referências. Resposta a este Jornal ao n.º 184.

## DE TUDO PARA TODOS

**A quadra de hoje**

Fui soldado, sentei praça  
No regimento do amor.  
Como sentei por meu gosto  
Não posso ser desertor.

(POPULAR)

**Gambém na cozinha se**

**pode ser artista**

**Croquetes de sardinhas** — Tirai peles e espinhas a 8 ou 10 sardinhas. Esmagai as últimas com o mesmo volume de miolo de pão muito miúdo. Junta igualmente o mesmo volume de queijo ralado, ovos cozidos passados pela peneira, uma colher de sopa de salsa picada, sal e pimenta. Junta um pouco de azeite para fazer uma pasta homogênea.

Rolai os croquetes passados por clara de ovo e pão ralado. Acompanhai com salsa frita e servi com salada.

**O casamento na Dalmácia**

A noiva na Dalmácia não tem o direito de recusar um pretendente, por não gostar dele. O casamento ali é uma transacção comercial, em que os pais da prometida saem sempre ganhando. No Japão e também na Coreia, o noivo presenteia a sua noiva com um cinturão multicor, que faz as vezes de aliança entre nós. Na Hungria e igualmente na Baviera, é costume o noivo chegar a pé ou por uma escada, até à janela da jovem por ele amada, e na Rússia, gostam de festejar os noivos com bebidas e a som de cânticos e músicas regionais.

**O doce nunca amargou**

**Pudim da tia Chica** — 120 grs. de farinha Maizena, 100 grs. de manteiga, sete gemas, duas claras, meio litro de leite, 100 grs. de açúcar, 100 grs. de chocolate e casca de limão.

Mistura-se a manteiga com a farinha. Desfaz-se o chocolate no leite bem quente. Junta-se estas duas misturas e mexe-se bem. Vão ao lume para aquecer até que comece a ferver. Retira-se, deixa-se esfriar e junta-se as sete gemas bem ligadas com o açúcar e a casca do limão. Adicionam-se então as duas claras batidas em castelo. Bate-se tudo muito bem e deita-se na forma barrada de manteiga, para cozer em banho-Maria.

Coze até ganhar consistência.

**A bomba de Hiroshima**

O nosso colega Alfredo Barra, redactor de «Pueblo», que está a visitar o Japão, evoca a tragédia de Hiroshima que em 6 de Agosto de 1945, às 8 e 15, foi pulverizada por uma bomba atómica. Eis como uma testemunha lhe descreveu o pavoroso acto bélico:

«A bomba estalou no ar, a uma altura de 570 metros, sobre estas ruínas que ainda se conservam. O ruído foi muito pequeno e acompanhou-o um relâmpago semelhante ao do magnésio. Durante uns momentos qualquer coisa, seguida de uma rubra coluna de chamas, caiu rapidamente e rebentou de novo. Desta vez o fragor foi terrível; a violência deste segundo estampido, indiscutível.

«Em todas as direcções irradiaram línguas de fogo de cor azul e vermelha, seguidas de um espantoso trovão e de insuportáveis ondas de calor que aniquilaram tudo: as matérias combustíveis inflamaram-se, as partes metálicas fundiram-se. Tudo no espaço de um momento. Por fim, passados dez minutos, uma espécie de chuva negra e pesada caiu na cidade.

«Não se ouvia então um único lamento, apesar das dores fazerem os corpos contorcêrem-se como serpentes. Ninguém gritava nem chorava. Os japoneses punham à prova o seu controle absoluto da dor e o seu estoicismo, tanto maior quanto mais espantosa era a hecatombe.»

Hiroshima tinha ao tempo pouco mais de 400.000 habitantes. O número de mortos atingiu 260.000 e o dos feridos e dos desaparecidos 163.293. Dos que perderam a vida, uns 50.000 morreram ao estalar a bomba e uns 200.000 nas semanas que se seguiram; os outros, muito mais tarde, em consequência das feridas ou das radiações. Dos 75.000 edifícios da cidade, cerca de 69.000 ficaram totalmente destruídos ou danificados.

De cada vez que os ânimos dos dirigentes dos povos se exaltam, como está acontecendo agora, deviam ser recordados estes números, afixados em grandes cartazes em todos os lugares públicos de todo o mundo — para meditação e vergonha da Humanidade.

**É agora não ria!**

— Carlinhos, quem partiu o vidro da janela da tua casa?  
— Foi a mamã... Mas a culpa foi do papá... porque se agachou...

## Lagos e a indústria de conservas de peixe

Conclusão da 1.ª página

cou nesta cidade no respeitante à indústria de conservas de peixe, devendo-se-lhe a única casa de espectáculos que Lagos tem, presentemente, em condições: o Cine-Teatro Império.

Consta que os seus herdeiros, talvez desgostosos por verem desaparecer a fábrica que possuem junto às muralhas da cidade, estão envidando esforços no sentido da sua transferência para Matosinhos ou Ilhavo.

Oxalá tal não venha a confirmar-se, pois que pagando o Estado, pode dizer-se, as expropriações, justo é que todos os industriais, que vejam desaparecer no todo ou em parte as suas fábricas, correspondam à acção governativa, procurando, na medida do possível, restaurá-las sem prejuízo dos que pelo seu trabalho, que, em ocasião de pesca abundante, se prolonga até altas horas da noite, são dignos da melhor estima e atenção.

Os herdeiros de Paolito Cocco só honrarão a memória desse homem, que todos recordam pelo seu labor, diligenciando manter em Lagos tudo quanto é sua obra ou melhorando-a se possível, e os restantes industriais prejudicados com as obras de restauro das muralhas da cidade só se dignificarão vencendo todas as dificuldades com que depararem, pois a forma mais aceitável que se me afigura para corresponder à acção governativa é receber de braços abertos tudo quanto tenda ao progresso de Lagos.

Dificultar a acção dos que procuram que Lagos ateste que o seu passado foi glorioso, é atentar contra o que a boa razão aconselha.

Unamo-nos, pois, todos para render homenagens aos que procuram restaurar esta cidade, tanto tempo adormecida, para que ao menos nos reconheçam gratidão pelas benesses recebidas nos últimos tempos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

## Comissão distrital da U. N.

Conclusão da 1.ª página

censo, presidente; Luís dos Inocentes Afonso, vice-presidente e Silvino Augusto Leitão, Ângelo Delgado Guerreiro, Jaime Boulain Fogaça, Francisco Dias Cavaco e Bento Viegas Louro, vogais.

Discursaram os srs. drs. Baptista Coelho, governador civil; José Correia do Nascimento, presidente da comissão cessante; José Ascenso e, por último, o sr. comandante Henrique Tenreiro, os quais todos pugnam pela necessidade da união dos portugueses.

## Farmácia de Serviço

Vila Real de Santo António

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

# Olhão e as festas dos Santos Populares

Continuação da 1.ª página

e alegres festas dos santos populares, de origem religiosa e lendária.

Precisamente, na encantadora vila de Olhão da Restauração, estas revelações de regozijo, ressaltavam no pitoresco relevo das exaltações públicas; um prestígio regional que a pouco e pouco se foi perdendo, caindo quase no completo esquecimento. A quadra dos santos populares, no meu saudoso tempo de rapaz, era inspirada no culto da divindade e vivida ao som da música, dos cantares e bailados à volta dos mastros, das marchas da cana verde, etc. Não faltavam também as comidas e as bebidas de sabor típico, que davam ao ambiente um contentamento franco, uma animação comunicativa. Fazia-se nesse tempo autêntico regionalismo, quando menos nele se falava!

Os anos decorriam e sempre que chegava a época de São João, lá estava Olhão a marcar uma posição, atraindo as populações algarvias, tão habituadas elas estavam a encontrar ali um ambiente festivo. Era Olhão a realizar a festa? Que importava, se era o

## ÓLEOS "PENZZOIL"

Consulte:

Alfredo de Campos Faisca

## A organização dos produtores de alfarroba

Conclusão da 1.ª página

a primeira destas últimas actividades.

«Partindo dessas conclusões, que parecem não merecer contestação — acentua-se — aqueles proprietários sugerem a organização dos produtores por forma a defenderem-se daqueles de quem dependem comercialmente. E essa organização mereceu-nos a maior simpatia, pois equivale a um desejo de actuação da própria actividade no sentido da defesa, e valorização dos próprios produtos e corresponde a um meio de que a produção poderá usar para atingir esse fim e sem que haja de esperar por soluções que exijam a concordância de outras actividades com interesses nem sempre perfeitamente concordantes com os seus».

Para novas deliberações sobre o assunto, a Casa do Algarve convocou a reunião do seu Conselho Superior Regional, conjuntamente com a da comissão dos lavradores signatários da exposição, para terça-feira, às 21,30, na sua sede em Lisboa.

povo algarvio a manifestar-se e a contagiar as outras povoações? Quando Loulé apresenta o seu admirável Carnaval, todo o Algarve e o resto do País ali vão. Se Olhão fizesse renascer os seus tradicionais festejos de São João, aproveitando-os para fins religiosos e filantrópicos, o Algarve lá estaria em peso, e, depois de bem divulgados, não seria só o Algarve, seria igualmente o País a assistir. O que é necessário, é prepará-los conveniente e inteligentemente; arriscar mesmo, de princípio; perder inicialmente se for preciso; mas apresentar bem, de começo, para que o reclame se faça naturalmente e a confiança ocorra nos anos seguintes. Mais tarde, conforme sucedeu com o Carnaval de Loulé, os lucros virão automaticamente e com abundância.

Quando em Abril de 1958 fui convidado a proferir uma palestra na festa comemorativa do primeiro centenário da Sociedade Recreativa Olhanense, apelei para as autoridades locais, pedindo a revivência de tão tradicionais festas. Não sei se foi por mera coincidência, ou se realmente teve qualquer influência a minha sugestão, o certo é que em Junho desse mesmo ano, a gente da povoação, engalanava as suas ruas com bandeiras e balões; erguia o mastro de São João, e, à sua volta surgiam as cantigas, os bailes de roda e os corridinhos. Bem haja o bom povo da minha terra.

As autoridades, sentindo bem esta expressiva preferência popular pelos festejos de Santo António, São João e São Pedro, resolveram este ano apoiar a iniciativa espontânea da sua gente, organizando com ela um programa de certa elevação. Como filho dessa prestigiosa terra e como inspirador e colaborador de muitas das maiores e melhores festas realizadas em Olhão, quero deixar devidamente registados os meus alvites, que não são mais do que simples reminiscências do passado, convertidas em possíveis realidades presentes e de presumível projecção futura. Baseadas as manifestações festivas na religião, com música, indumentária regional, marchas populares dos vários bairros, bailes e atracções na Avenida e no Jardim, nos quintais e nas ruas, largadas de balões e de fogos de artifício, fogueiras, quermesses com ofertas e prendas que depois serão sorteadas e leiloadas, desafios de futebol, outras provas desportivas, batalha de flores aquática, com serenatas e variedades, tudo passado na Ria, iluminação conveniente, comida típica, etc., teremos um começo interessantíssimo. Mas, se Santo António é casamenteiro, realizem-se, à semelhança do que está fazendo o «Diário Popular», casamentos de noivos pobres; se São João é o santo da sorte, criem-se os vários jogos de sorte, barracas de rifas e com as cigarras a lerem a sina e a fazerem as sortes de cartas, do ovo cru, do chumbo derretido e das alcachofras, etc.; e, se S. Pedro é o santo dos pescadores, está também indicada uma procissão aquática, veneziana, com iluminações feéricas, de grande efeito, que seria estou certo, muito apreciada pela gente marítima de Olhão, onde existe uma Ria Formosa, tão linda e apropriada.

Estas festas custarão muito dinheiro? E' natural. Mas, as entradas pagas nos vários recintos e tudo a render convenientemente, com uma organização e uma exploração eficientes, e não poderá haver prejuízo. E se elas fizessem parte do calendário turístico português, tanto melhor. O que é preciso, primeiro que tudo, é meter mãos à obra, instituindo-se as «Festas dos Santos Populares» com critério firme e progressivo.

Arnaldo Martins de Brito

## A Câmara de Olhão dá o seu auxílio às festas dos Santos Populares

Já depois de redigido o artigo «Olhão e as festas dos Santos Populares» tenho a satisfação de informar os leitores do Jornal do Algarve, que a Câmara Municipal de Olhão, acaba de prestar a sua preciosa colaboração à Comissão Patrocinadora dos Festejos dos Santos Populares, instituindo os seguintes prémios: concursos de Mastros de São João, com bailes de roda e cantigas ao desafio: 1.º prémio, 500\$00; 2.º, 300\$00 e 3.º, 150\$00. Concurso de Quadras Populares: 200\$00. Concurso de Ornatações nas ruas e largos: 1.º, 750\$00; 2.º, 500\$00 e 3.º, 250\$00; nas travessas: 1.º, 750\$, 2.º, 500\$00 e 3.º, 250\$00. Concurso de Marchas Populares: 1.º,

1.000\$00 e 2.º, 500\$00. Para o Concurso de Montras, foi criado o prémio de 300\$00.

Fica reservado ao júri o direito de não atribuir qualquer dos prémios, concedendo em sua substituição menções honrosas. Para efeitos duma boa classificação, o júri tomará por norma o estudo das características mais populares e mais relacionadas com a quadra dos Santos Populares.

Em virtude de conversas com o sr. presidente da Câmara Municipal de Olhão, pareceu-me que a única dificuldade baseia-se no material de iluminação. Tratando-se dum início de festas, os meios materiais de que se dispõe são restritos, mas ajudados este ano os promotores, os apuros das festas proporcionariam o apetrechamento necessário de material para os anos futuros.

Estou convencido que, com um pouco de boa vontade da parte das Câmaras Municipais algarvias, que habitualmente fazem as suas festas, as mesmas poderão ajudar este ano a Câmara de Olhão, emprestando-lhe o seu material, porque o Algarve é a terra do algarvio, sem distinções de povoações. Festas em Loulé, em Portimão, em Vila Real de Santo António, em Tavira, em Lagos, etc., todas elas são concorridas pelo Algarve.

Quero finalizar, felicitando na pessoa do presidente da Câmara Municipal, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, toda a verificação, e, bem assim, no sr. Manuel Jorge, a Comissão Patrocinadora dos festejos. Bem haja a vila de Olhão. — A. M. B.

## VENDE-SE

Prédio sito na rua Miguel Bombarda, 69, em Vila Real de Santo António, com 19 divisões e quintal, dando para a rua Barão do Rio Zêzere e pertencente a Herdeiros de Carmen da Cruz Rodrigues. Recebem-se propostas, em carta fechada, que devem ser dirigidas a Francisco Humberto Solá da Cruz, rua Teófilo Braga, 10, na mesma vila. Para ver, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 14 às 17 horas.

# Elementos vegetais



óleo de coco  
óleo de amendoim

TODA A RIQUEZA DE FRUTOS TROPICAIS ESTÁ PRESENTE NA MARGARINA "CHEFE" — UM PRODUTO INTEIRAMENTE VEGETAL QUE LHE ASSEGURA DIGESTÕES LEVES E FÁCEIS. EM TODAS AS APLICAÇÕES CULINARIAS A MARGARINA "CHEFE" OFERECE A CERTEZA DE UM ÊXITO. PEÇA AO SEU FORNECEDOR HABITUAL MARGARINA "CHEFE".



## MARGARINA

# CHEFE

A DOS PACOTES PRATEADOS

## ALBANO BASTOS & IRMÃO, LIMITADA

Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica

Fabricação de pupitres • Madeiras serradas e aplainadas • Caixotaria  
Telefone 35—AREAL-PAMPILHOSA DO BOTÃO—(Portugal)

Com esta tinta Até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"  
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.  
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 697106 LISBOA